

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CAMPUS DESCALVADO – SP**

**GABRIELA FERNANDA SEIT MOREIRA
ROSEMARY SCABIO JO**

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM ESPECTRO
AUTISTA**

**DESCALVADO – SP
2022**

UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

GABRIELA FERNANDA SEIT MOREIRA
ROSEMARY SCABIO JO

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM ESPECTRO
AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Brasil, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem

Orientadora: Prof.^a Esp. Katia Gomes da Silva

DESCALVADO – SP

2022

Moreira, Gabriela Fernanda Seit
M837a Assistência de enfermagem a criança com espectro autismo / Gabriela
Fernanda Seit Moreira, Rosemary Scabio Jo. – Descalvado: Universidade
Brasil, 2022.
30f. ; 29,5cm.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Graduação em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Esp. Katia Gomes da Silva.

1. Autismo. 2. Cuidados enfermagem. 3. Criança. 4. Família. I. Jo, Rosemary Scabio . II. Título.

CDD 610.7362

UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE ENFERMAGEM

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Acadêmico (a): Gabriele Fernanda Sete Moreira
Rosemary Scabio Jo

Título do Trabalho: Assistência de Enfermagem à Criança
com Espectro Autista

Data da avaliação pela Banca Examinadora: 21 de junho de 2022.

Orientador (a): Kátia G. Silva
Prof.^a Kátia Gomes da Silva

Examinador 1: [Assinatura]
Prof.^a Gilene Bonalho Gritti

Examinador 2: [Assinatura]
Prof.^a Me Márcia Tereza B. de Aze

APROVADO(A) em 21/06/2022 com Nota: 10

Gabriela dedica
“A minha mãe e meu irmão”.

Rosemary dedica
“À minha querida mãe Clarice (in memoriam),
que seu sonho era me ver formada.
Minha eterna gratidão a ela.”

AGRADECIMENTOS

Rosemary Scabio Jó

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Ao meu esposo, Ercílio, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Quero agradecer também a minha filha, Dayane, a minha neta Ana Carolina, e meu neto João Victor que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus pais, Antônio e Clarice, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

A todos os meus colegas de classe, a Gabriela, por colaborar para que este trabalho de conclusão de curso alcançasse os objetivos propostos, e para as amigas que fiz durante o curso Adriana, Áurea, Laila e Shirliany.

E a todos aqueles, que de uma forma ou de outra, possibilitaram a conclusão deste trabalho e curso, a todos, a minha plena e eterna gratidão.

Gabriela Fernanda Seit Moreira

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem sua ajuda nada seria possível;

Gratidão pela minha mãe, sua presença e amor incondicional na minha vida sempre.

Este trabalho é a prova que os esforços dela pela minha educação não foram em vão e valeram a pena, pelo meu irmão e meu pai que me incentiva a ser melhor todos os dias.

Sou grata a colega Rose por colaborar com a conclusão deste trabalho.

Também agradeço a todos os meus colegas de curso pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos.

“A enfermagem é a arte do cuidar, sem Enfermagem não há cuidado, e sem cuidado não há vida”

João Vieira

RESUMO

Este estudo objetivou mostrar a importância do papel do enfermeiro na assistência à criança autista. A metodologia refere-se a uma pesquisa de revisão bibliográfica com trabalhos publicados nos endereços do Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, de 2014 a 2021, sendo incluídos dez estudos. A discussão do trabalho mostra a diversidade de práticas de cuidado que os enfermeiros podem e devem conhecer para auxiliar a criança com autismo com apoio da sua família com objetividade na comunicação com a criança e estimular o autocuidado, o apoio da família é indispensável para que esse profissional possa desempenhar sua função de forma satisfatória. Os trabalhos analisados abordam que a enfermagem pode desempenhar um papel inovador, além da assistência tradicional, atuando com jogos lúdicos, músicas, educações em saúde no autocuidado e na educação permanente da equipe de apoio. Concluiu-se que o cuidado de enfermagem deve levar em consideração a individualidade e características única da criança, e o enfermeiro (a) deve estar atento ao desenvolvimento da criança, a fim de alcançar maior sucesso na terapia proporcionando segurança a criança. Além disso, os cuidados especiais podem desenvolver a capacitação dos profissionais de saúde para promover a continuidade dos cuidados e às necessidades da criança autista.

Palavras-chave: Autismo, Cuidados Enfermagem, Criança, Família.

ABSTRACT

This study aimed to show the importance of the nurse's role in assisting autistic children. The methodology refers to a bibliographic review research with works published in the addresses of Lilacs, Scielo and Google Scholar, from 2014 to 2021, including ten studies. The discussion of the work shows the diversity of care practices that nurses can and should know to help the child with autism with support from their family with objectivity in communicating with the child and encouraging self-care, family support is essential for this professional can perform his/her function satisfactorily. The analyzed works address that nursing can play an innovative role, in addition to traditional care, working with playful games, music, health education in self-care and in the permanent education of the support team. It was concluded that nursing care must take into account the individuality and unique characteristics of the child, and the nurse must be attentive to the child's development, in order to achieve greater success in therapy, providing safety to the child. In addition, special care can develop the capacity of health professionals to promote continuity of care and the needs of the autistic child.

Keywords: Autism, Nursing Care, Child, Family.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação dos estudos encontrados sobre a temática.	16
Quadro 2 - Comportamentos das crianças com Transtorno Espectro Autista.....	19

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO PRINCIPAL	14
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3. METODOLOGIA.....	15
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	16
4.1 DEFINIÇÃO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	18
4.2 FAMÍLIA.....	21
4.3 ENFERMAGEM	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

O autismo, chamado de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é classificado entre os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, um termo usado pela CID-10 para descrever problemas com crianças que experimentam dificuldades ou incapacidade nas relações sociais, de comunicação e comportamentais. (SUDRÉ et al., 2011).

A criança autista tem dificuldade de interagir e pode se sentir perseguida, é necessário que haja uma interação que estabeleça vínculos. Uma das características das crianças autista é que elas são apegadas à mãe e não podem ser separadas dela. (KLIN, 2016).

Segundo Silva (2021), os profissionais que trabalham com crianças autistas devem estar cientes de que se trata de uma síndrome caracterizada por resposta atípicas a estímulos visuais e auditivos e graves problemas de compreensão da linguagem falada.

Considera-se que o TEA não possui cura, mas possuem diversas formas de tratamento voltados à melhora e redução das manifestações clínicas associadas à síndrome, como o Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação (TEACCH). (VILANOVA et al., 2015).

Segundo Ribeiro (2010) ao reconhecer as características fundamentais do espectro e os déficits comuns nas habilidades sociais e no comportamento, faz-se necessário contribuir para uma melhor adaptação das pessoas com TEA na sociedade. Para tal, diversas técnicas, de diferentes áreas do conhecimento, têm sido propostas para intervenção e realização de tratamentos em busca, não da cura, mas de auxílio no desenvolvimento das habilidades do sujeito, melhorando suas interações e tornando-os mais independentes em todas as suas áreas de atuação.

No Brasil uma das abordagens mais usada como método de intervenção no tratamento de sintomas do autismo é a ABA conhecido pela sigla em inglês (Applied Behavioral Analysis). (Camargo & Rispoli, 2013; Ribeiro, 2010). A terapia ABA busca avaliar, explicar e modificar os comportamentos. (Cartagenes et al., 2016).

Na época de 1906, o psiquiatra Plouller usou a expressão «autismo» para se referir à psicose e esquizofrenia (PRISTA, 2014; ZANATTA, et al., 2014). Em 1911, o psiquiatra Eugen Bleuler usou pela primeira vez o termo autismo para se referir a um

transtorno definido pelo isolamento de uma criança, falta de contato emocional com outras pessoas, fala carente ou outras formas de comunicação.

O termo autismo infantil é atualmente conhecido devido à associação do autismo, com o retardo mental, também chamado de Transtorno do Espectro do Autismo de baixo funcionamento e Transtorno do Espectro do Autismo de alto funcionamento que ocorre quando não se tem o retardo mental. O Transtorno do Espectro do Autismo ocasiona comprometimentos nas áreas que compreendem a interação social, a linguagem e/ou a comunicação (SANINI; BOSA, 2015).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM-V), o transtorno do espectro do autismo é um transtorno neurológico caracterizado pela interação social, comunicação verbal e não verbal, comportamentos restritos e repetitivos e uso da imaginação. (APA, 2014).

Até o momento, não existe uma abordagem específica e eficaz para lidar com crianças com autismo, e cada situação exigirá uma resposta diferente para cada criança dos profissionais de saúde que as assistem. Portanto, para que o enfermeiro(a) trabalhe com crianças com TEA, ele precisa conhecer a fundo o transtorno e ser capaz de ajudar a criança de forma adequada, é importante que o enfermeiro possa prestar ajuda, que a criança com TEA não se sinta ansiosa, humilhada, ameaçada, rejeitada ou ignorada e que esses profissionais estejam preparados para ganhar confiança com mais facilidade (SILVA, 2021).

A compreensão do Transtorno do Espectro do Autismo tem se aprofundado nos últimos anos e há um consenso de que é muito importante que os profissionais de saúde estejam informados sobre o problema para fazer um diagnóstico preciso, fornecer um tratamento eficaz e informar a família. Minimizar ao máximo os efeitos no desenvolvimento da criança e na dinâmica familiar (MONTEIRO et al., 2008).

Nessa circunstância, o cuidado com a saúde torna-se primordial, principalmente o cuidado de enfermagem, que deve ter uma abordagem educativa no atendimento a criança com TEA, auxiliando os pais e responsáveis a compreenderem o diagnóstico, conhecerem os procedimentos de estimulação cognitiva e motora também auxiliar no diagnóstico precoce da criança (VILANOVA et al., 2016).

No entanto, para o tratamento, a terapia medicamentosa sintomática deve ser combinada com terapias educacionais adequadas a família. (ZANATTA et al., 2014).

Para uma assistência de qualidade, é necessário estudar os TEA para enriquecer o conhecimento dos profissionais de saúde, pois um especialista pode

atender constantemente as crianças com esse distúrbio ou diagnóstico. (VILANOVA et al, 2016).

Através das consultas de avaliação do crescimento e desenvolvimento, o enfermeiro pode contribuir positivamente para o diagnóstico do TEA ao confirmar os sinais e sintomas de atraso no crescimento e desenvolvimento da criança (SENA et al, 2015).

A assistência, de enfermagem é, portanto, e imprescindível, pois assume uma postura educativa ao cuidar de uma criança com TEA, auxilia os pais e responsáveis na compreensão do diagnóstico, ensinar técnicas para promover o desenvolvimento cognitivo e motor, bem como promover o reconhecimento dos sinais e sintomas para detecção precoce. (FEIFER et al, 2020).

A discordância e falta de informações sobre o assunto revelam a necessidade de desenvolver sobre o TEA para que a criança com autismo possa ser acolhida e amparada, o que é essencial para o progresso cognitivo, pessoal e social. (HOFZMANN et al, 2019).

Dentre as tecnologias de enfermagem em saúde mental, a intervenção musical contribui significativamente para o alívio do estresse, ansiedade e promoção do relaxamento, além de ser útil em casos de isolamento social. Porém, apesar dos reconhecidos efeitos benéficos, Nóbrega e Souza (2015) constataram que há poucos estudos nacionais sobre o tema, o que pode estar relacionado ao conhecimento limitado da música como recurso terapêutico e elemento para o cuidado de enfermagem.

O cuidado de enfermagem à criança demonstra especificidades, pois o profissional deve desenvolver parceria com os pais para que juntos possam prestar os cuidados desejados. Em compensação, deve-se destacar que os pais expressam que compartilham a responsabilidade de cuidar dos filhos. (ARAÚJO 2019).

Portanto, as formas de comunicar-se com a criança é apresentada de forma ímpar, ponderando que a criança se comunica por meio da fala, dos gestos, do brincar, e que o profissional de saúde esteja preparado para entender o mundo dessas crianças (FRANZOI et al., 2016).

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO PRINCIPAL

Analisar e descrever formas de apoio e assistência de enfermagem a criança com espectro autista.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Buscar um entendimento sobre autismo e suas características.

Destacar a importância de um diagnóstico precoce caracterizando no profissional com mais conhecimento e instrumento para rastreamento/triagem de indicadores clínicos de sinais iniciais de problema de desenvolvimento infantil buscando na literatura atual.

3. METODOLOGIA

A construção deste estudo surgiu na realização de escolha do tema e a elaboração da questão norteadora: qual a atuação do profissional Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno com Espectro Autista?

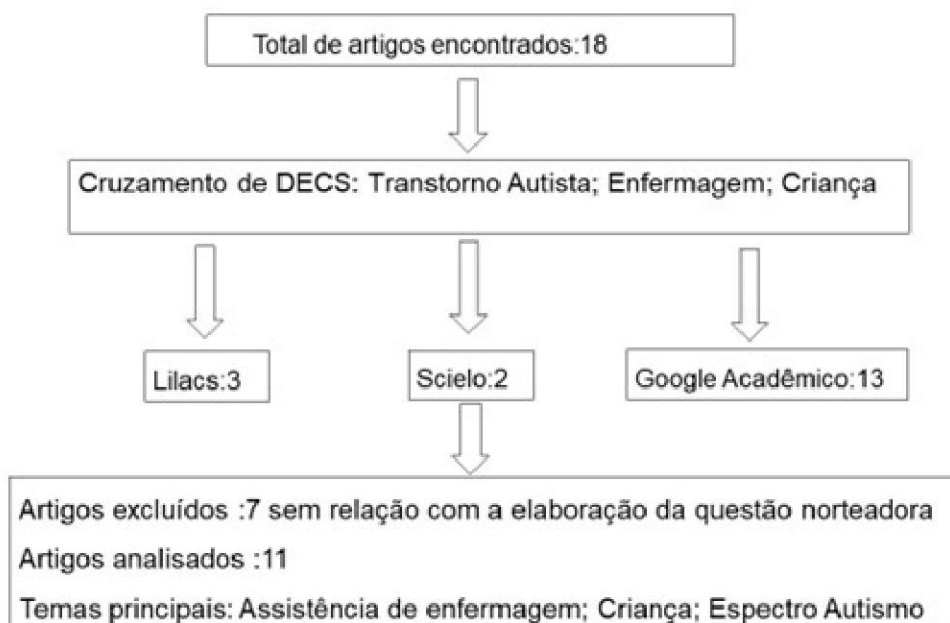
A coleta de dados ocorreu no mês de outubro de 2021. A base de dados utilizadas para buscas de artigos foram: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e Google Acadêmico (Google Scholar).

O período de publicação de 2014 a 2021.

Os termos de exclusão foram: Tratamento com medicamentos, Cuidados no ambiente escolar, faixa etária, assistência em atenção primária a saúde (APS).

O fluxograma 1 abaixo demonstra a abordagem metodológica adotada nessa pesquisa.

Figura 1 - Fluxograma da Seleção de Artigos.



Fonte: Autoria própria.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para uma melhor visualização dos artigos selecionados, foi elaborado um quadro contendo as seguintes informações título, autores, ano, tipo de estudo e principais resultados. Na sequência, foram agrupados e discutidos em categorias que apresentam os estudos inseridos na revisão integrativa.

Quadro 1 - Comparação dos estudos encontrados sobre a temática.

Título	Autores/ Ano	Tipo de estudo	Principais resultados
Assistência de Enfermagem ao portador de autismo infantil	Souza, A.P.et al. 2020	Revisão Integrativa	A insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre transtorno do espectro do autismo. A intervenção musical favoreceu e orientou novas experiências, lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e de interação de criança com espectro do autismo.
Autocuidado da criança com espectro autista por meio do Social Stories	Rodrigues, P.S. et al. 2017	Estudo Qualitativo, Descritivo e Prospectivo	A associação da teoria de orem com a Social Stories apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança.
Assistência de enfermagem à criança com transtorno do espectro autista	Silva, T C, et al. 2021	Revisão Integrativa de Literatura	O profissional tem um papel essencial na assistência do paciente com transtorno do espectro autista, utilizando material de apoio.
Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista	Camargo, S. P. H., & Rispoli, M. 2013.	Pesquisa Exploratória, transversal de abordagem qualitativa.	Multiprofissionais que utilizam método ABA para avaliação e aplicação em crianças com Espectro Autismo.
Assistência de Enfermagem a paciente com Transtorno do Espectro Autista	Rodrigues, M. R. C. et al. 2021	Revisão Integrativa de Literatura	A equipe de enfermagem exerce um papel empático, holístico e de estratégias diferenciadas com o cuidado das crianças autistas, porém existem entraves para utilização na prática clínica, sendo necessárias mais pesquisas clínicas sobre a problemática

A atuação do Enfermeiro na assistência a crianças com Transtorno do espectro Autista	Ferreira, T.Lima R.; Theis, L. C. 2019	Revisão Integrativa de Literatura	Realização do processo de enfermagem com elaboração de plano de cuidados individualizados ao contexto de cada família
A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo	Barbosa, P.A. S; Nunes, C. R. 2017	Pesquisa Bibliográfica Qualitativa	A assistência a uma criança com TEA é um desafio para os profissionais de saúde, especialmente para o enfermeiro que possui um papel importante, tanto no atendimento quanto a orientação à família.
Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista	Feifer, G.P.O.et al. 2020	Revisão de literatura	Apesar dos avanços nessa área, ainda há necessidade de realização de novas pesquisas acerca da assistência de enfermagem a esse público.
Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do Espectro Autismo	Brasil - Ministério da Saúde 2014	Pesquisa Bibliográfica	Oferecer orientações às equipes multiprofissionais dos pontos de atenção da Rede SUS para o cuidado à saúde da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA) e de sua família.
Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro em um centro de atenção psicossocial	Franzoi, M. A. H. et al. 2016	Relato de Experiencia	A musicoterapia e a intervenção musical contribuíram, de modo eficiente, para o rompimento de padrões de isolamento, reduzindo os comportamentos estereotipados, estimulando a autoexpressão e a manifestação das crianças com TEA, contribuindo com desenvolvimento e a experimentação de novos modos de brincar, tendo a enfermagem como aliados nesse modelo terapêutico.
O papel do enfermeiro na assistência à criança autista	Araújo, C. M. 2019	Revisão Bibliográfica	Importância da assistência de enfermagem no cuidado e na identificação da criança autista, com um diagnóstico precoce e os tipos de grau do TEA.

Fonte: Autoria própria.

4.1 DEFINIÇÃO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, todos os transtornos invasivos do desenvolvimento que não possuem mais diagnósticos diferencial, são considerados no mesmo espectro, Transtornos do Espectro Autista (TEA), com exceção da síndrome de Rett. (BARBOSA, NUNES, 2017)

Segundo Feifer et al. (2020), o diagnóstico é feito nos dois primeiros anos de vida, apresentando melhor prognóstico naquelas crianças com Quociente Intelectual mais elevado e capazes de falar. No entanto, somente uma pequena parcela alcança essa independência na vida adulta.

De acordo com Cardoso (2018 *apud* RODRIGUES et al., 2021, p. 76)

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) possui esta classificação de "espectro" porque possui uma vasta variedade de manifestações da do transtorno, admitindo distintos graus de gravidade. O TEA é compreendido por três níveis importantes de gravidade de sujeição infantil, no primeiro nível a criança necessita de apoio, nele é observado uma grande dificuldade nas interações sociais e de planejamento, no nível dois a maior dificuldade é a comunicação verbal e não verbal e apresentam comportamentos repetitivos e restritos, no nível três é necessário um grande amparo principalmente pela dificuldade de encarar mudanças e comunicação (CARDOSO, 2018 *apud* RODRIGUES et al., 2021, p. 76).

Comportamentos incomuns não são bons preditivos de TEA, porque várias crianças com TEA não os apresentam e, quando os têm, costumam demonstrá-los mais tardiamente. Em alguns casos, são observados comportamentos atípicos, repetitivos e estereotipados severos, o que indica a necessidade de encaminhamento para avaliação diagnóstica de TEA, como descrito pelo Ministério da Saúde, no livro "Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtorno do Espectro Autismo" (BRASIL, 2018), no quadro 2.

Quadro 2 - Comportamentos das crianças com Transtorno Espectro Autista.

Comportamento	Ações
Motores	<p>Movimentos motores estereotipados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • flapping de mãos, “espremer-se”, • correr de um lado para o outro, • entre outros movimentos <p>Ações atípicas repetitivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • alinhar/empilhar brinquedos de forma rígida; • observar objetos aproximando-se muito deles; • prestar atenção exagerada a certos detalhes de um brinquedo; • demonstrar obsessão por determinados objetos em movimento. <p>Dissimetrias na motricidade, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • maior movimentação dos membros de um lado do corpo; dificuldades de rolamento na idade esperada; • movimentos corporais em bloco e não suaves e distribuídos pelo eixo corporal; • dificuldade, assimetria ou exagero em retornar os membros superiores à linha média; • dificuldade de virar o pescoço e a cabeça na direção de quem chama a criança.
Sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> • Hábito de cheirar e/ou lambar objetos. • Sensibilidade exagerada a determinados sons (como os do liquidificador, do secador de cabelos etc.), reagindo a eles de forma exacerbada. • Insistência visual em objetos que têm luzes que piscam e/ou emitem barulhos, bem como nas partes que giram (ventiladores, máquinas etc.). • Insistência tátil: as crianças podem permanecer por muito tempo passando a mão sobre uma determinada textura.
Rotinas	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência a rotinas ritualizadas e rígidas. • Dificuldade importante na modificação da alimentação. Algumas crianças, por exemplo, só bebem algo se utilizarem sempre o mesmo copo. • Outras, para se alimentarem, exigem que os alimentos estejam dispostos no prato sempre da mesma forma. • Certas crianças com TEA se sentam sempre no mesmo lugar, assistem apenas a um mesmo DVD e colocam as coisas sempre no mesmo lugar. • Qualquer mudança de sua rotina pode desencadear acentuadas crises de choro, grito ou intensa manifestação de desagrado
Fala	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas crianças com TEA repetem palavras que acabaram de ouvir (ecolalia imediata). Outras podem emitir falas ou slogans e vinhetas que ouviram na televisão sem sentido contextual (ecolalia tardia). Pela repetição da fala do outro, não operam a modificação no uso de pronomes. • Podem apresentar características peculiares na entonação e no volume da voz. • A perda de habilidades previamente adquiridas deve ser sempre encarada como sinal de importância. Algumas crianças com TEA deixam de falar e perdem certas habilidades sociais já adquiridas por volta dos 12 aos 24 meses.

	<ul style="list-style-type: none"> • A perda pode ser gradual ou aparentemente súbita. Caso isso seja observado em uma criança, ao lado de outros possíveis sinais, a hipótese de um TEA deve ser aventada, sem, no entanto, excluir outras possibilidades diagnósticas (por exemplo: doenças progressivas).
Aspecto emocional	<ul style="list-style-type: none"> • Expressividade emocional menos frequente e mais limitada. • Dificuldade de se aninhar no colo dos cuidadores. • Extrema passividade no contato corporal. • Extrema sensibilidade em momentos de desconforto (por exemplo: dor). • Dificuldade de encontrar formas de expressar as diferentes preferências e vontades e de responder às tentativas dos adultos de compreendê-las (quando a busca de compreensão está presente na atitude dos adultos).

Fonte: Brasil, 2014.

Considerando que uma em cada 88 crianças apresenta TEA, com uma proporção de três a quatro meninos para cada menina, sendo que mais de dois terços dessas crianças apresentam déficit cognitivo/retardo mental associado. O autismo pode se manifestar de forma muito individual entre diferentes crianças, e em uma mesma criança também, de uma fase a outra do desenvolvimento. (BRASIL, 2014).

Em se tratando de comportamento, as crianças com TEA tendem a apresentar estereótipos, movimentos repetitivos, além de interesses limitados e inusitados como por exemplo o fascínio por papel, tecidos e ventiladores, brincando de forma mecânica, repetitiva e carente de criatividade e simbolismo, insistência visual e tátil em certos sons e certos objetos. Eles também são exagerados e resistentes a mudança na rotina que são ritualizadas e rígidas, e alguns podem até se machucar. (BRASIL, 2014).

A criança autista precisa de aproximações diversificada, pois uma das causas é o déficit comunicativo, por isso é importante que os cuidados disponibilizados a ela sejam elaborados de forma a atender essas demandas e com a finalidade de desenvolver a capacidade comunicativa ou, pelo menos, encorajar para que isso ocorra (RODRIGUES et al, 2021).

4.2 FAMÍLIA

Segundo Rodrigues et al. (2021) pode-se afirmar que a criança com TEA não deve ser considerada um portador de uma doença que retira a sua capacidade de interagir socialmente, mas como alguém que vive no seu próprio mundo, resultando em um mundo desconhecido. Portanto deve ser compreendido a realidade dos pais de uma criança que possui dificuldade em interagir socialmente e procurar ajudar, pois muitas vezes os pais podem tornar-se submissos à doença do filho, podendo prejudicar a estrutura familiar (SILVA et al., 2021).

Precisa-se levar em consideração a dificuldade que a família enfrenta nas indagações ao viver em sociedade e quando realiza atividades sociais, diminuindo os momentos de lazer, que decorre especialmente devido a superproteção que as mães se manifestam para com seus filhos tentando evitar o preconceito e a falta de consideração. (FERREIRA; THEIS, 2019).

Os profissionais que acompanham estas famílias precisam conhecer os comportamentos de uma criança com TEA para que possam realizar intervenções específicas, para a criança e a família, estimulando uma melhor condição de vida doméstica e social, em razão de que o cotidiano da família voltará constantemente em torno da criança, por suas necessidades, suas dificuldades e suas decisões de tal maneira que esse contexto pode fragilizar o emocional e fisicamente o cuidador. (SILVA et al, 2021).

As incertezas e medos cercam os pais das crianças com autismo, pois eles findam tendo que largar suas atividades diárias para viver em prol da criança, assim influenciando o relacionamento familiar. Por isso vale ressaltar o quanto é importante que a união prevaleça dentro do lar para que a criança possa ter um desenvolvimento psicomotor adequado. Os pais também devem estimular e valorizar a convivência de seus filhos com outras crianças. (SOUZA et al, 2020; RODRIGUES et al., 2021).

Uma forma de intervir de forma positiva é pedir aos cuidadores que expressam sobre os seus pensamentos pessimistas que acabam levando a sobrecarga emocional e, por sua vez, os substituem por atitude otimista. Ajudando a família a melhorar a situação, mostrando o lado positivo, dando apoio e facilitando o trabalho do cuidador. (RODRIGUES et al., 2021).

4.3 ENFERMAGEM

O processo de enfermagem engloba ações que devem auxiliar a criança a reconhecer suas capacidades, habilidades e potencialidades, aceitando, enfrentando e convivendo com suas limitações. Tais conhecimentos são considerados essenciais para embasar as condutas e atitudes daqueles enfermeiros que trabalham com a criança com TEA. (BARBOSA, NUNES, 2017).

Conforme Rodrigues et al, (2021) descreve, a dificuldade para a identificação e diagnóstico do TEA pode provocar prejuízos no que se refere à reintegração da criança na sociedade. A assistência de enfermagem a criança com TEA deve ser diferenciada, uma vez que por parte da criança pode haver dificuldade na comunicação, então o enfermeiro necessita desenvolver uma habilidade para lidar com essas crianças, o enfermeiro com despreparo técnico ou emocional na atuação a assistência em crianças autistas podem gerar dúvidas no atendimento e acolhimento necessário (ARAÚJO, 2019, FEIFER et al., 2020)

O enfermeiro precisa planejar intervenções para integração do paciente na sociedade, utilizando recursos lúdicos, incentivar a família interagir com a criança a fim de promover a interação entre os membros da família e estimular adaptação da criança e melhor convívio. (SOUZA et al., 2020).

Em uma equipe multidisciplinar, não deve haver hierarquização de saberes, mas todos devem participar igualmente, dentro de sua área de conhecimento, do planejamento para o tratamento da criança, visando uma melhor qualidade no atendimento (BRASIL, 2014; FEIFER et al., 2020; FRANZOI et al. 2016).

O tratamento deve ser baseado em diferentes orientações teóricas e níveis de abrangência, usadas para o auxílio da criança autista a alcançar um repertório mais funcional, reduzindo os diversos distúrbios de conduta. A utilização de medicamentos, em geral, é necessária para controlar algumas características, como a insônia, hiperatividade ou desatenção. No entanto, não existe nenhum fármaco específico para o TEA (BARBOSA; NUNES, 2017).

No estudo de Barbosa e Nunes (2017), a informação que muitas crianças gostam de música e podem ficar várias horas ouvindo a mesma música ou alguns trechos específicos. Outra característica é a recusa de afagos, por sentirem-se incomodados.

De acordo com os autores, a assistência de enfermagem pode auxiliar os indivíduos autistas com as seguintes ações:

- a) Desestimular a autoagressão, desviando sua atenção para outras coisas ou objetos.
- b) Demonstrar carinho através do toque mesmo não havendo o retorno dele.
- c) Observar, estimular e estar atento ao que o indivíduo disser.
- d) Ensinar e estimular o autocuidado como higiene pessoal.
- e) Desestimular movimentos repetitivos.
- f) Colocar limites, explicando sempre o porquê deles.
- g) Estimular a socialização através de atividades em grupo.
- h) Estimular nos horizontes para que o indivíduo não venha se limitar sempre a mesma coisa (BARBOSA; NUNES, 2017, p. 11)

Desta forma, pode-se afirmar que tais conhecimentos são considerados essenciais para embasar as condutas e atitudes daqueles enfermeiros que trabalham com a criança com TEA.

Muitas vezes o sentimento de compaixão demonstrado pelos profissionais de enfermagem pode ser interpretado de forma diferente, no entanto, a compaixão consiste na capacidade de compartilhar afeto, cuidado e amor pelo outro. Portanto, amor, ternura, carícia, cordialidade, convivialidade e compaixão garantem a humanidade ao ser humano. (SOUZA et al., 2020).

No que se refere à criança com TEA, o enfermeiro tem como meta o cuidar, voltando suas ações não apenas ao problema, mas também às suas representações junto à família, buscando orientar e esclarecer sobre o problema, a fim de diminuir o medo, o sentimento de inferioridade diante do problema, gerado pelo preconceito existente na sociedade (RODRIGUES et al.2017; ARAÚJO, 2019).

A capacidade dessa criança para autocuidado pode ser mais prejudicada quando seus pais, por falta de conhecimento e compreensão, não a estimulam precocemente, tendem a infantilizá-la, desconhecem suas potencialidades e a superprotegem. (BARBOSA; NUNES, 2017, FEIFER et al., 2020).

Assim, elaborar conhecimento sobre o uso de estratégias que estimulem a criança com TEA a desenvolver habilidades, contribuindo para uma nova perspectiva no cuidado de enfermagem possibilitando à criança com TEA auto cuidar-se de acordo com seu potencial e limitação, para que possa então ter autonomia em sua vida diária (FRANZOI et al., 2016).

Outras intervenções podem estar relacionadas ao uso de terapias específicas, como a musicoterapia, terapia com animais, arteterapia, terapia familiar, terapia em grupo e terapia recreacional, em que o enfermeiro com o auxílio de outros profissionais, será o mediador da família, auxiliando a promover as ações terapêuticas juntamente com a criança e familiares (FRANZOI et al., 2016; BRASIL, 2014).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) as terapias tendem a melhorar a dimensão social do paciente, pois são realizadas em conjunto, tais atividades permitem a expressão de sentimentos, pensamentos e ideias, ajudando os portadores do TEA a se comunicar e exteriorizar suas emoções. Treinamentos de habilidades, controles da agressividade e agitação e atividades recreativas, são outros exemplos de intervenções realizadas pelos enfermeiros, que possibilitam desenvolver áreas de dificuldades apresentadas pelas crianças.

O enfermeiro deverá planejar intervenções para que a criança seja integrada na sociedade, utilizando recursos lúdicos, incentivando a família interagir com a criança a fim de promover a interação entre os membros da família e estimular adaptação da criança e melhor convívio (FEIFER et al., 2020).

Apresenta-se uma diversidade de métodos de ensino intensivo da ABA para crianças com TEA, como o Modelo Denver de Intervenção Precoce (Early Start Denver Model), a Intervenção Comportamental Intensiva Precoce (Early and Intensive Behavioral Intervention - EIBI) e o Ensino por Tentativas Discretas (Discrete Trial Teaching - DTT) (Roane et al., 2016; Silva, Barboza, Miguel, & Barros, 2019).

Do mesmo modo uma intervenção baseada na ABA, que envolvem identificação de comportamentos e habilidades que apontam ser melhorados, seleção e descrição dos objetivos, e delineamento de uma intervenção que envolve estratégias que validam efetivas para modificação do comportamento. A longo prazo, a intenção é que as condutas aprendidas e modificadas sejam generalizadas para diversas áreas da vida do indivíduo (Camargo & Rispoli, 2013; Cartagenes et al., 2016; Fisher & Piazza, 2015).

Durante as sessões de aplicação das atividades da ABA, o profissional deve realizar maneios comportamentais que são necessários para o desenvolvimento da criança, por exemplo, criar diferentes maneiras de brincar com os brinquedos, enaltecer, repetir e imitar o comportamento da criança (Shillingsburg, Hansen, & Wrigth, 2018).

Além de tudo, a ABA é caracterizada por uma coleta de dados antes, durante e depois da intervenção. Acompanhar essas informações serve para analisar o progresso individual da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação aos programas de intervenção e as possíveis estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades necessárias para cada criança (Camargo & Rispoli, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo é um distúrbio neurológico que se manifesta muito precocemente com desvio ou atraso no desenvolvimento, em como alterações comportamentais. Por isso, nas consultas de enfermagem, o enfermeiro deve acompanhar atentamente o desenvolvimento da criança e os sinais de alerta que possam sugerir autismo, e se a favor do diagnóstico precoce.

O TEA apresenta sinais e sintomas que podem ser diferentes em cada criança, não havendo consenso na literatura sobre a melhor intervenção. No entanto, não há diferença quanto à importância do diagnóstico precoce e da intervenção de uma equipe multidisciplinar para o melhor desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, o cuidado de enfermagem deve levar em consideração a individualidade e características única da criança, e o enfermeiro (a) deve estar atento ao desenvolvimento da criança, a fim de alcançar maior sucesso na terapia proporcionando segurança a criança.

O profissional de enfermagem tem um papel importante no cuidado a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tem afetado inúmeras crianças nos últimos anos. Com isso em mente, o profissional poderá atuar com qualidade assistencial no acompanhamento e avaliação da criança autista.

Além disso, os cuidados especiais podem desenvolver a capacitação dos profissionais de saúde para promover a continuidade dos cuidados e às necessidades da criança autista.

Entende-se que a criança autista é um paciente que requer uma maior atenção da equipe de enfermagem. O enfermeiro (a) precisa demonstrar ternura, conversar com a criança, chamá-la pelo nome e, como em qualquer outro atendimento, informar à criança os procedimentos que serão executados, pois mesmo não desenvolvendo a capacidade de «feedback», não é comprovado que a criança não entenda o que está sendo dito.

O atendimento humanizando é de suma importância, considerando a complexidade e o impacto do diagnóstico na família, além da necessidade de que esta seja auxiliada por um profissional capacitado, preparado e que inspire confiança a todos os que vivem com a criança autista.

Considerando que o uso da música foi positivo, pois propiciou novos modos de fazer/brincar, de desenvolver habilidades e de se relacionar com os outros, ou seja, trata-se de uma intervenção de enfermagem que oportunizou a interação, novos comportamentos e a estimulação da linguagem.

Destaca-se que é importante que o Enfermeiro (a) se aprofunde e desenvolva conhecimentos específicos sobre métodos e estratégias para o uso da música terapêutica, a fim de ampliar sua utilização na puericultura e na assistência à saúde.

Foi possível perceber que os profissionais e pais de crianças com TEA que utilizam a ABA percebem o avanço que este método representa para a intervenção no tratamento de crianças com autismo. Isso se deve, principalmente, ao fato de que eles identificam resultados efetivos em diferentes áreas do desenvolvimento das crianças com TEA, apresentando comportamentos mais adaptativos, o que contribui para a melhora na qualidade de vida da própria criança e de sua família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, E.; ANDRADE, A.; TEODORO M.L.M. Família e Autismo: uma revisão da literatura. **Contextos Clínicos**. v. 5 n. 2, 2012.

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **DSM-5. Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. p. 50-59; 2014.

ARAÚJO, C.M.; NASCIMENTO, J.S.; DUTRA, W.L. O papel do enfermeiro na assistência a criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, v.1, n.3, 2019.

BAGAROLLO MF, PANHOCA I. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. História de vida de adolescentes autistas. Relato de Pesquisa. **Revista Brasileira Educação Especial**, v.16, n.2, 2010.

BARBOSA, P.A.S.; NUNES, C.R. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista Científica Interdisciplinar**. v.2, n.2, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CARDOSO, M.L. **Práticas de Cuidado do Enfermeiro às Crianças com Autismo e suas Famílias**: uma revisão integrativa [monografia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS; 2018.

CARTAGENES, M. V., Castro, C. A. L., Almeida, G. K. F. C., Magalhães Y. C., & Almeida, W. R. M. (2016). Software baseado no método ABA para auxílio ao ensino-aprendizagem de crianças portadoras de Transtorno Global do Desenvolvimento-Autista

FEIFER, G. P.; SOUZA, T.B.; MESQUITA, L. F et al. Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista. **Revista Uningá, Maringá**. v. 57, n.3, p.60-70, jul/set. 2020.

FERREIRA, T.L.R.; THEIS, L. C. A atuação do Enfermeiro na assistência a crianças com Transtorno do espectro Autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v.15, n.22, 2021.

FRANZOI MAH, SANTOS, J.L.G.; BACKES, V.M.S.; RAMOS, F.R.S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do

espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 25, n 1:e1020015, 2016.

HOFZMANN, R.R., PERONDI, M, MENEGAZ, J., et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**. v. 10, n. 2, 2019.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 28, Supl.1, p. S3-11, 2016.

MONTEIRO, C. F. S.; BATISTA, D. O. N. M.; CAR, E. G.; et al. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v.61, n. 3, p. 330-5, maio/jun. 2008.

NÓBREGA, E.D., SOUS, M.N.A. Música na assistência de enfermagem: resultados baseados em evidências. *InterScientia*.v.1, n 3, p:102-13, 2015.

PRISTA, R.M. Autista fala e pensa: Um estudo sobre a mediação da maternagem e paternagem. **Revista do Nesme**, v.11 n.2, 2014.

Ribeiro, S. H. ABA: uma intervenção comportamental eficaz em casos de autismo. *Revista Autismo*. São Paulo, v. 0, set. 2010.

Roane, H. S., Fisher, W. W., & Carr, J. E. (2016). Applied Behavior Analysis as Treatment for Autism Spectrum Disorder. *The Journal of Pediatrics*

RODRIGUES, M.R.C.; QUEIROZ, R.S.A.; CAMELO, M. S. Assistência de Enfermagem a paciente com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**. v.3, n.4, 2021.

RODRIGUES, P.M.S.; ALBUQUERQUE, M.C.S.; BRÊDA, M.Z. et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Pesquisa Escola Anna Nery**, v. 21, n. 1, 2017.

SANINI, C.; BOSA, C.A. Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, v.20 n.3, 2015.

SENA, R.C..F, REINALDE, E.M., SILVA, G.W.S., et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Rev Pesq Cuidado Fundam*, v. 7, n. 3, p: 2707-2716 2015.

SILVA, T.C.; SANTOS, C.V.P.; NAKA, K.S. Assistência de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista. *Saúde e natureza estudo avançados*. v. 1, 2021.

Shillingsburg, M. A., Hansen, B., & Wright, M. (2018). Rapport Building and Instructional Fading Prior to Discrete Trial Instruction: Moving From Child-Led Play to Intensive *Teaching*. *Sage Journals*

SOUZA, A.P.; OLIVEIRA, B.K.F.; ALBUQUERQUE, F.H.S. et al. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**. v. 3. n 2, 2020.

SUDRÉ, R.C.R.; OLIVEIRA, R.F.; FAILE, P.G.S.; TEIXEIRA, M.B. Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo. **Arquivo Médico Hospital Faculdade Ciências Médicas Santa Casa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-6, 2011.

VILANOVA, J. M.; LIMA, A. F. A.; CARVALHO FILHA, F. S. S.; SILVA, R. N. A.; GOMES, R. N. S. Cuidados à criança com transtorno do espectro autista: atuação de cuidadores informais. In: 18º CBCENF. **Anais...** João Pessoa, COFEN, 15 a 18 de setembro de 2016.

ZANATTA E.A, MENEGAZZO, E.; GUIMARÃES, A.N. et al. Cotidiano de Famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**. 2014.